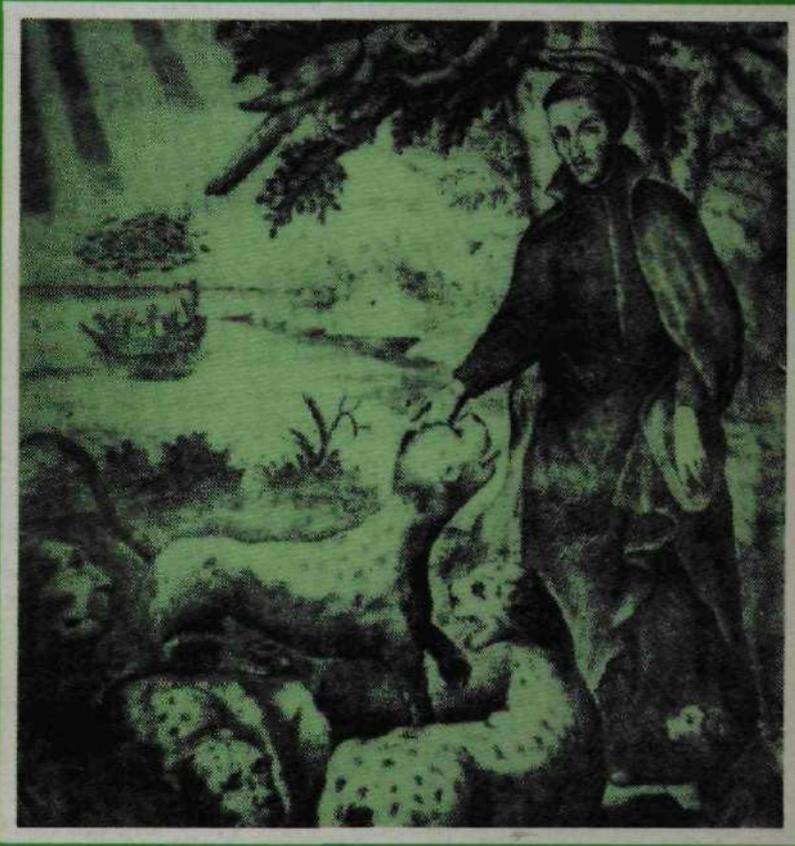


F
922.281
A539L
HJA
EX2



CONGRESSO NACIONAL

Homenagem a JOSÉ DE ANCHIETA



Discursos pronunciados pelos Parlamentares
Edison Lobão, Orestes Quêrcia e Luiz Viana,
na Sessão Conjunta de 24-06-80.

BRASÍLIA-1980



CONGRESSO NACIONAL

Homenagem a
JOSÉ DE ANCHIETA

**Discursos pronunciados pelos Parlamentares
Edison Lobão, Orestes Quêrcia e Luiz Viana,
na Sessão Conjunta de 24-6-80.**

BRASÍLIA — 1980

ÍNDICE

	Pág.
DISCURSOS:	
— Deputado Edison Lobão	7
— Senador Orestes Quércia	29
— Senador Luiz Viana	33

Deputado Edison Lobão

O SR. PRESIDENTE (Luiz Viana) — Declaro aberta a sessão solene do Congresso Nacional que, atendendo a requerimento do nobre Deputado Edison Lobão, destina-se a homenagear o Padre José de Anchieta por sua inclusão no hagiológico.

Concedo a palavra ao nobre Sr. Deputado Edison Lobão.

O SR. EDISON LOBÃO (PDS — MA. Pronuncia o seguinte discurso.)
— Sr. Presidente, Srs. Congressistas:

Santo do Brasil e Santo do povo, José de Anchieta ascende aos altares da Pátria dignificado pelas próprias virtudes e exaltado pela emoção nativista de nossas preces, que definem no límpido apóstolo do Brasil a postura do missionário que soube semear belezas sobre o chão da terra lendária de 1500.

Formalizada a sua santificação por decreto do Sumo Pontífice João Paulo II, compete-nos, por expresso comportamento religioso e equilibrado exame crítico, proclamar, no sacerdote iluminado de Tenerife, o nosso primeiro poeta, o nosso primeiro dramaturgo, o nosso primeiro médico, o nosso primeiro humanista, desenvolvendo a nobre tarefa da cataquese dos autóctones da Terra de Santa Cruz.

Falar de Anchieta é o mesmo que descer ao fascínio das origens da Companhia de Jesus, porque lá estão deitadas as raízes que influíram na formação do grande peregrino, tão coerente com os deveres da obediência, norma essencial dos jesuítas.

Destarte, vem-nos à memória aquele moço fidalgo, másculo e corajoso que, quando as tropas francesas sitiaram sua pequena cidade, encravada nos Pirineus Espanhóis, comandou a resistência até quando os habitantes se deliberaram a entregar o pequeno burgo. Este moço, Inácio de Loiola, inconformado com a rendição, recolheu-se ao seu castelo, e de lá comandou nova resistência, até que uma bala, estilhaçando uma das muralhas do fortim, levou um calhau a destroçar-lhe ambas as pernas, obrigando-o a cessar a resistência. Mas, isto levou os seus opositores a admirá-lo, de tal sorte que o deixaram no lar, a cuidar das fraturas que a luta lhe provocara e que o tempo se encarregou de consolidar, decorrendo, entretanto, desta consolidação, uma deformidade física que praticamente o impedia de locomover-se, pelo menos com a antiga destreza. Loiola, não conformado com a deformidade, recorreu aos médicos, chamou os cirurgiões e fê-los novamente fraturar as pernas para que as soldassem de modo a torná-las perfeitas! A reclusão naquele castelo durante o período de tratamento, como observou Eduardo Prado, ia, certamente, mudar o destino do catolicismo, revigorando a Igreja que, azorragada por Lutero, começava a cumprir uma das muitas fases difíceis por que tem passado, embora a todas tenha vencido, pois, eterna, a Igreja, ontem como hoje, como amanhã, haverá sempre de sobreviver.



Impossibilitado de locomover-se após o processo médico que sofreu, submeteu-se a um longo período de tratamento. Assim, Loiola, procurando o que fazer, pediu livros, para, lendo-os, ocupar o tempo!

O castelo só possuía livros religiosos. Poucos livros, pois homem dado à ação e às conquistas, segundo rezam alguns biógrafos, o castelão não era de muitas leituras. Assim é que, ao solicitar livros para amenizar a solidão e distrair o espírito durante a cura, trouxeram-lhe uma edição espanhola da *Vida de Cristo*, escrita por Cartuxo Ludolfo, e a *Vida dos Santos*.

Lendo e meditando a *Vida dos Santos*, o futuro criador da Companhia de Jesus perguntava se eles eram de pedra para suportar tantas provações e tormento com um sorriso nos lábios e uma fê inquebrantável. E se estes santos eram homens como eu, indagava Loiola no seu solilóquio, por que eu também não poderei fazer o mesmo?

É de admirar como um projêtil prostrando um guerreiro indômito e o levando meses e meses à meditação acabaria por torná-lo um santo, para criar a Companhia de Jesus, realizando, como iremos ver, a renovação religiosa do século.

Guerreiro, Inácio Loiola criou, na grandiosidade de sua fê, uma aguerrida ordem religiosa que, ao adotar a obediência por princípio e despreendimento das honrarias por norma, não foi mais que uma combativa falange da Igreja, destinada a defendê-la da Reforma pregada por Lutero e, posteriormente, ao lado da Igreja, por quantas causas ela se batesse.

Vale a pena, antes de colocar Anchieta em face de sua decisão de ingressar na Companhia de Jesus, definir os primórdios desta Ordem, a qual, sem dúvida, deve o Brasil ser uno no território e na língua, sem que sejamos, ao sul, um pedaço francês e, ao norte do País, um pedaço holandês, com participação espanhola e um único trato de terra de raízes portuguesas, conforme demonstraremos quando tivermos estudado a ação da Companhia de Jesus em nossa Pátria.

Não devemos nem queremos minudear a formação da Companhia de Jesus, nem esta é nossa missão agora, pois aqui estamos para louvar Anchieta e seus méritos que, embora de há muito reconhecidos por todos os brasileiros, somente agora recebe a sagração que lhe faltava: a sagração oficial da Igreja.

Todavia, sem bosquejar o quadro da formação da Companhia de Jesus e de sua benfazeja ação em nosso País, não podemos situar a vida e a obra de José de Anchieta no Brasil, pois através dos princípios jesuíticos — obediência e desprezo pelas honrarias e pela própria vida — é que o nosso Apóstolo hauriu forças para sua obra civilizadora.

Refeito dos males físicos, Loiola começou a meditar sobre a vida de Cristo e resolveu fundar uma ordem, contemplativa como todas as Ordens, porém combativa, a fim de se antepor pela oração, pela meditação, pelas ações

generosas à onda de cismas que vinham aparecendo no mundo, a partir da dissidência de Lutero e seus seguidores.

Criou, Loiola, sua Ordem, tão logo curou-se? Regulamentou-a, de pronto? Não. Viajou mundo afora e, como tomou a si a tarefa de instruir os homens e fazê-los imitar as ações de Jesus, ele próprio, para combater por seu Deus, passou a instruir-se e começou a aprender Latim, Gramática, Filosofia, Teologia e afinal, após ter escrito este monumento de Psicologia, os "Exercícios Espirituais", assimilou a índole das Universidades de Alcalá, Salamanca e Paris, viveu como um santo, como um estudante. Passou fome nos jejuns, sofreu nos cilícios e por fim escolheu, em Paris, seis homens, somente seis homens, para construir o núcleo inicial da Companhia de Jesus, à qual, no Brasil, devemos, como já afirmamos, nossa unidade de língua e território, não obstante os percalços que os jesuítas encontraram quando o Papa, premido pelas nações católicas, extinguiu-a. Aí nós já nos havíamos beneficiado da ação desses homens extraordinários, que concorreram para que franceses, holandeses e espanhóis desistissem de nos conquistar.

A esses seis homens — e só um deles era sacerdote à época da criação da Companhia de Jesus — devemos render nossas homenagens, porque se não fosse Pedro Lefevre, Francisco Xavier, Laynez, Salmeron, Bobadilha e Simão Rodrigues de Azevedo, jamais teríamos o ensejo desta comemoração.

Pobreza, castidade, caridade, desdém às honrarias e, sobretudo, a obediência ao Papa são, até hoje, as chaves mestras da Ordem a que Anchieta veio filiar-se, não só porque participava "da sua ilha querida, mimo do largo mar, cesta de flores esquecida na rota dos fenícios", segundo Fagundes Varela, como também de uma família católica e pelos laços de parentesco que o uniam a Inácio de Loiola.

Nascido a 19 de março de 1534, em São Cristóvão da Laguna, na Ilha de Tenerife, Anchieta era o terceiro filho de uma geração de doze rebentos, dos quais alguns foram militares. Anchieta abraçou o sacerdócio.

Acredita-se que seus pais, João Lopes de Anchieta e Mencia Dias, ambos católicos, fizeram-no estudar as primeiras letras numa escola dos padres dominicanos, perto de sua residência.

Certo é que, aos quatorze anos, em companhia do irmão mais velho, seguiu Anchieta para Coimbra e matriculou-se no Colégio das Artes, anexo à Universidade dessa Cidade, Universidade que, segundo afirmam alguns historiadores, estava, à época, sob a direção dos jesuítas.

Estudioso, um dos melhores alunos de sua classe, revelou Anchieta, de logo, altos pendores poéticos. De tal sorte que os colegas, por lembrança de sua origem, apelidaram-no de o Canário de Coimbra.

No Colégio, praticamente em convívio com os jesuítas, empolgado com as narrativas dos feitos de Francisco Xavier, no Oriente, e como trazia do lar

paterno uma cuidadosa formação religiosa, ingressa aos dezessete anos, precisamente a 1º de maio de 1551, na Companhia de Jesus, continuando, na qualidade de noviço, seus estudos de filosofia.

No decorrer desses estudos, adoece gravemente e, segundo diagnóstico retrospectivo, de tuberculose, embora tal fato os cronistas da época não registrem, pois enquanto uns atribuem a enfermidade que o deformou à constante genuflexão, ajudando dez a doze missas diárias, outros afirmam que, ao cair-lhe uma escada nos ombros, teve deformada a coluna vertebral. O mais certo, porém, em face dos atuais conhecimentos médicos, é que a corcova que para sempre o tornou disforme tenha resultado de um processo de tuberculose óssea.

Embora zombasse da deformidade, intimamente a falha física muito o preocupava, não pelo efeito estético, senão porque antevia no fato a possibilidade de ser afastado de seu ideal: usar a sotaina.

Tocado pelo trauma, fez-se introspectivo e, assim, mudou de humor. Vendo-o triste, o Provincial da Ordem, Padre-Mestre Simão Rodrigues, que fora companheiro de Loiola, o alegrou, dizendo: "deixe de lado, meu filho, as preocupações, porque Deus não o quer com melhor saúde!"

Aprestava-se à segunda leva de jesuítas para nosso País. E nela, como tão ardentemente desejava, e para nossa glória e felicidade, na qualidade de irmãos, Anchieta foi incluído, juntamente com os padres Luiz da Grã, Braz Lourenço, Ambrósio e mais três irmãos. Nóbrega pedira isto porque os ares do Brasil seriam bons para a saúde de Anchieta.

O Patriarca da nossa nacionalidade, como por justiça o chamou Teodoro Sampaio, após dois meses de viagem, na qual demonstrando sua humildade, serviu a bordo, como ajudante de cozinheiro, chegou à Bahia, mas ali pouco se demorou, aproveitando esta estada para aprender, sobretudo, o idioma indígena, captando com velocidade os valores da língua da nova pátria, que foi o seu mais poderoso instrumento de trabalho, pois da comunicação com o aborígene, pôde cumprir, com perfeição, a missão a que se destinava no Brasil: a colheita das almas!

Chamado a São Vicente por Manoel da Nóbrega, que na Bahia já sentira a força dos seus méritos, ele iniciou, verdadeiramente, sua benfazeja ação em nossa terra.

O próprio Anchieta, em carta datada de São Vicente aos Irmãos Enfermos de Coimbra, anuncia: "neste tempo que estive em Piratininga, servi de médico e barbeiro, curando e sangrando muitos daqueles índios, dos quais viveram alguns, de quem não se esperava vida, pois morreriam muitos em face daquelas enfermidades".

Na sua modéstia, Anchieta não quis dizer que começava já aí seus milagres, pois testemunhas de vista nos informam de uma passagem expressiva: em Santos resuscitou uma filha de Manoel de Oliveira Gago, quando estava sendo levada à sepultura.

Não é, todavia, agora, o momento de enumerar os vários e notáveis milagres do nosso Patriarca, nem de minimizar suas jornadas Brasil afora, pois tanto há a dizer de Anchieta em nossa terra que ele percorreu de noviço a padre e de padre a provincial, de Pernambuco ao Rio de Janeiro.

Diz Jorge de Lima que, antes de instruir os silvícolas no culto, teria Anchieta de fazê-los gostar da religião. Dada a estrutura cultural dos índios, Deus teria de ser adorado. Por isto, numa visão genial, aquele padre corcunda, gago, feio, baixinho, desengonçado, doente, andrajoso, porém vibrátil como o descrevem seus contemporâneos, numa antevisão dos futuros métodos pedagógicos, à feição de Maria Montessori, dramatiza os temas religiosos, utilizando em seus autos três a quatro línguas: tupi, espanhol, português e guarani. É então que congrega, num rasgo de genialidade, um auditório de sacerdotes espanhóis e portugueses e índios — aqueles para recordarem os preceitos religiosos pois que chegando ao Brasil, como afirma o próprio Nóbrega, os havia abandonado porque tinham sempre vida dissoluta e estes, para catequizá-los, através de um centro de interesse — o teatro musicado — e musicado com o uso do canto gregoriano. E esse canto monódico e pobrezinho como a própria música tupi, para melhor compreensão de seus verdadeiros ouvintes, os índios, segundo a opinião de grande poeta alagoano.

Nestes autos, principalmente no Auto de São Lourenço, é que ao lado da conotação religiosa surge o lado político e nacionalista de Anchieta, quando faz uma crítica direta aos franceses que disputavam o Brasil aos portugueses e, portanto, a nós, brasileiros.

Falamos da poesia de Anchieta, dissemos de suas qualidades pedagógicas e nacionalistas sem nos reportarmos ao fundo literário de suas composições.

E fizemo-lo propositadamente, para deixar ao crítico Eduardo Portella, atual Ministro da Educação, dizer da qualidade e da valia dos versos anchietanos.

Ouçamo-lo, pois: “Como poeta — observa Eduardo Portella — que é o primeiro dos nossos quinhentistas, ao Padre Anchieta corresponde em nossas letras o papel de iniciador de nossa poesia. Mas não é justo que apenas esta circunstância deva falar de sua poesia. Anchieta foi o primeiro poeta brasileiro, sobretudo pelo sentimento nativista tão arraigado nele. E acrescenta o Ministro da Educação em sua apreciação crítica: Anchieta é um poeta que fez da simplicidade a sua preocupação primeira. E nenhum exemplo melhor, nes-

te sentido do que o seu conhecido poema a Santa Inês, tão forte e comovente no seu lirismo:

Cordeirinha linda,
Como folga o povo
Porque vossa vinda
Lhe dá lume novo

Cordeirinha Santa,
de Jesus querida
vossa santa vinda
o diabo espanta

Por isso vos canta
Com prazer o novo
porque vossa vinda
lhe dá lume novo”.

Mas o poeta, a cujos versos os críticos brasileiros se referem a partir do primeiro dentre eles, Silvio Romero, e entre os outros Walmir Ayala, ao estudarem a obra literária de Anchieta, além de acentuarem o tom lírico de seus versos recordam sempre o sentido nacionalista de sua obra poética. Walmir Ayala, que traduziu o “Auto de São Lourenço”, composto de 1.493 versos, dos quais 857 escritos em tupi, 1 em guarani, 595 em espanhol e 40 em português, acentuando, também, o sabor lírico da poética anchietana, nos diz que foi utilizando-a, sobretudo como instrumento de catequese, que insulflou em seus espectadores o sentimento nacionalista, anatematizando os franceses a fim de vê-los expulsos de nossa terra para que, em toda nossa extensão, formássemos, como formamos, um Estado único de fala portuguesa. Se os bandeirantes paulistas e baianos, com as bandeiras e entradas alargaram com as suas incursões terra adentro o domínio da língua que ora falamos, foi seri sombra de dúvida Anchieta quem primeiro, cuidando do assunto, percebeu o quão importante seria a Terra de Santa Cruz, se conseguíssemos transformá-la numa grande pátria, de língua una e de costumes idênticos.

Santificado ou não, pois o processo que se iniciara em 1618 somente veio a concretizar-se em 1980 — mais de trezentos anos depois — esta sessão solene seria justa, eis que estaríamos a exaltar a memória de quem foi altruísta e sábio, a memória de quem tendo sido o nosso primeiro poeta foi, também, nosso primeiro pedagogo, primeiro etnólogo, primeiro médico, primeiro dramaturgo, nosso primeiro nacionalista.

Tantos são os méritos de Anchieta e tal é nossa dívida, no Brasil, para com sua memória, que somente seus feitos terrenos merecem a homenagem que hoje lhe estamos tributando.

Este gesto de reconhecimento ficaria incompleto se não recordássemos seu papel de pacificador e santo, no célebre episódio de Iperoig, onde, com a sua ação de estadista, acentuaram-se seus dons divinizantes, pois suas palavras, atos e procedimentos sustaram quantos índios vinham à sua procura, talvez por estranhar a sua presença, para adverti-lo, ou com ele guerrear.

Alguns historiadores da época, falando da pacificação entre os tamoios, amigos dos franceses e seus aliados, e os tupis aliados dos portugueses, depois da derrota sofrida por aqueles, destacam a intrepidez do cacique Tibiriçá que, entretanto, depois da derrota dos tamoios, não sobreviveu.

A confederação dos Tamoios que Anchieta pacificou, abrangia quase todo o Vale do Paraíba. Estendia-se da Ilha de São Sebastião ao norte de Cabo Frio, congregando, em seus efetivos, cerca de 50.000 índios, multidão que se pegasse em armas, arrasaria São Vicente.

Presentindo o perigo, Nóbrega, com a sua inegável vocação de estadista, resolveu parlamentar com os tamoios, levando com ele, além de Anchieta, um homem tido como azarentíssimo chamado Antonio Luis, a quem os índios tinham despojado de tudo: mulher, filhos, cunhados, escravos, enfim, todos os bens!

Diz Jorge de Lima que o pesar que a vila tinha deste pobre coitado foi se transformando aos poucos em objeto de galhofa, pois o infeliz andava de "seca a meca" atrás dos seus, hoje aqui numa tribo, amanhã ali, noutra, sem nada lograr de positivo.

Hospedados certa vez os jesuítas na aldeia do Chefe Pindobassu, que tinha verdadeira veneração por Anchieta, apesar disto e após a partida de Nóbrega do aldeamento, a vida de Anchieta foi, aí, então, uma odisséia, só amenizada quando no auge das dificuldades, o Apóstolo do Brasil, praia afóra, meditava e escrevia na areia o seu célebre poema dedicado à Virgem Maria, eterno objeto de seu culto e seu broquel contra as tentações.

Embora não desejemos pormenorizar aqui todos os lances da pacificação da Confederação dos Tamoios, pois são de todos nós por demais conhecidos, é necessário ressaltar alguns momentos desta verdadeira epopéia do homem Anchieta que se fez santo.

Inicialmente comentaremos alguns ângulos sobre a história do filho do Chefe Pindobassu que, como se sabe, era um cacique muito afeiçoado a Anchieta. Seu filho, entretanto, aproveitando uma ausência do pai, na taba, na tenda paterna pretendia matar Anchieta. Este, que estava rezando, com as mãos levantadas a Deus, fazendo oração e até, como atestam os que presenciaram o lance, alçado do chão, virou-se, e com tão brandas palavras ao futuro algoz, desconsertou-o. Este, estático e atemorizado, ficou parado e, daí por diante, foi defensor e admirador convicto das virtudes do jesuíta.

Quero descrever, também, a façanha de Anchieta. Ele, frágil como era, teve de carregar às costas o Padre Nóbrega, para fugir a um provável assalto de índios que quase terminou num massacre de ambos.

Também para mostrar os percalços pelos quais passou Anchieta para conseguir a paz, uma vez mais, cedo a palavra a este admirável Jorge de Lima, para relatar os tormentos carnisais a que o nosso apóstolo se submeteu, vencendo-os.

“Na verdade ele não temia os índios da taba, todos seus amigos. Então o selvagem, que era sua própria carne e seus instintos, começou a fazer-lhe medo. A companhia de Nóbrega mesmo velho e arriado controlava ou distraía este selvagem. Sozinho, o selvagem despertou. Era preciso dar nele. Aliás o único selvagem em que ele deu na vida. A própria natureza incitava-o contra o voto de castidade. A sua soledade ouvia agora gemidos de bichos desejosos e via ligações suspeitas. Homens e animais vinham amar a um passo, ali à sua vista. De noite as caboclas da tribo abriam-se nas redes ou ressonavam no chão, tão perto do santo que as impurezas de toda aquela gente entravam-lhe pelas narinas, arregalavam-lhe os olhos, prendiam-lhe todos os sentidos. A insônia ia inventando muitos gozos. Uma escuridão quente derramava em cima das pessoas certa vontade de abraços e de outras sensações peguntas. Os girais estremeçiam, e nem mesmo os grilos agüentavam — vinham tocar música amorosa com suas asas pretas. Era perigoso. O azorrague não deu resultado. Literatura também é sacrifício. Principiou metrificando um poema a Nossa Senhora, contando as sílabas, cansando a memória para guardar os versos, como quem cansa com carga pesada um animal. De dia garatujava na praia a versalhada. De noite, em casa, ia se lembrando do que tinha escrito, substituindo mentalmente uma palavra, um dístico, melhorando o ritmo, polindo, polindo, como se depois a Virgem fosse contar as sílabas, examinar a métrica e conceder-lhe prêmio de literatura. A Senhora foi vendo o sacrifício de seu poeta, e tendo pena, permitiu-lhe dia a dia mais inspiração, que ele transformava em verso compondo um abc de louvores com toda a vida da Mãe de Deus. A medida que o pensamento ruim se ia dissipando, o poema ia crescendo, registrando o tamanho do sacrifício, flagelando a memória, desviando os sentidos para que o subconsciente não berrasse. A gente devia olhar muita composição de Anchieta como mortificação mesmo. O poema elegíaco a Nossa Senhora deu 4.310 versos. O martírio tinha sido tão enorme quanto os dois primeiros dias em Piratininga, que Anchieta “passou sem dormir, porque os dias ocupava inteiros, nas obrigações do offi-

cio, e conversas dos índios. Acontecia, não poucas vezes, romper a manhã e achar a Joseph com a pena na mão”.

A Virgem Maria salvou a pureza de Anchieta que, por suas virtudes e milagres, se fez santo.

Mas a difícil missão terrena de Anchieta, que chegara noviço ao Brasil e iria terminar provincial, não terminara com a pacificação dos tamoios, pois logo depois de ter vencido uma epidemia de varíola, foi convocado por Nóbrega para acompanhá-lo ao Rio de Janeiro, ao lado de Estácio de Sá, para desalojar os franceses da Guanabara.

Como os santos têm também seus detratores, após o episódio da Guanabara surge o chamado caso de João de Bolés — um aventureiro francês, porém ilustre, de quem se diz que Anchieta, para minorar seus sofrimentos, ajudou a enforcar.

Contemos o episódio para desfazer a ilícita informação. João de Bolés que servira a Villegaignon, dele dissentindo por questões religiosas, procurou os portugueses e com seus conselhos ajudou-os a desalojar seus compatriotas do Brasil.

Homem de vária personalidade, um verdadeiro fregolista, hoje adepto da Reforma, amanhã fervoroso católico, João de Bolés tantas heresias fez e praticou que, considerado herege, o Padre Luiz da Grã fê-lo embarcar para a Bahia, donde o Bispo mandou-o para Portugal, tendo ele em seguida viajado para a Índia, jamais retornando ao Brasil.

Nada disto é verdade. Nem Anchieta converteu João de Bolés, tampouco colaborou na execução, pela força. Quem contesta esta infâmia é Capistrano de Abreu, historiador insuspeito e honesto e homem de áspera palavra, incrédulo, tão incrédulo que tendo alguém profligado seu ateísmo, redarguiu que não via necessidade de rezar, pois tendo duas filhas freiras, era sogro de Jesus Cristo. Pois é este homem avesso à religião que contesta o fato quando diz que considerava veraz a prova de que não é exata a versão de ter Anchieta ajudado a execução de João de Bolés, pois esta versão surgiu de um erro de tradução feita por um tradutor italiano de um trecho jesuítico, tradutor que assim confirma o prólogo de sua terra *traduttore, traditore*. Desfeito o erro e desmanchada a intriga que perdurou anos a fio, não obstante a afirmativa de Capistrano, e ultimamente também o desmentido de Pedro Calmon, que igualmente comprovou a infâmia, vamos agora encontrar Anchieta passando sete anos em São Vicente, local preferido para seus milagres, muitos deles dignos de registro, e seguindo depois para a Bahia, onde o esperava uma dignidade que ele não desejou, e logo depois declinou: ser o vigário dos jesuítas em nossa terra. Antes, todavia, de sua fase baiana, vale a pena acompanhar a narração do Cônego Manoel Vicente da Silva, quando relatando a sublimidade moral de Anchieta, nos conta dos seus feitos milagrosos, todos eles relata-

dos por testemunhas oculares. Resenhemo-los: Antônio Cubas e Melchior Ferreira nos contam — e o fazem porque participaram do evento — que se achavam com outros companheiros viajando em companhia do Padre José de Anchieta, quando um sol tropical começou a incomodá-los, principalmente a um dos viajantes que se achava adoentado. Irrompeu assim o desespero dos viajantes que, em altos brados, reclamavam do calor. Condoído com a situação, Anchieta chamou as aves marinhas, solicitando-lhes asas abertas para cobrirem a embarcação. E diz o cronista: dada a ordem às aves, era belo ver o bando de biguás, garças, gaivotas, colhereiros e guarás formando um dossel de diversificadas cores sobre a pequena embarcação, que acobertada por tão belo toldo, terminou a viagem, à sombra!

Decerto, este é um milagre cuja narração provém de pessoas respeitáveis, porém leigas, capazes de render-se ao fascínio do apóstolo.

Mas uma autoridade insuspeita, o Padre Pedro Leitão, nos conta que, tal como procedeu Jesus Cristo, certa feita Anchieta também abarrotou de peixes os cabazes dos pescadores de Maricá que não conseguiam pesca em face das fortes rajadas de vento sudoeste. Ouçamos a palavra dos depoentes no processo de beatificação: página 302 do Livro do Centenário:

“O reverendo Padre Pedro Leitão e Antônio Ribeiro depuseram, como testemunhas juradas, que se achavam em Maricá, aldeia muito sem recursos de viveres, quando as lufadas rijas do sudeste, acompanhadas de chuvas, reinando a muitos dias em toda costa, impedia de ir ao mar, extremamente cavado, colher o principal gênero de alimento, de que se socorriam seus habitantes. Por essa ocasião aconteceu de ali chegar o Padre José de Anchieta.

Os moradores para logo se dirigiram a ele suplicando que lhes valesse em tão apertada conjuntura.

Sem embargo do mau tempo e de estarem as ondas muito altas, o Padre José, ao ouvir tantos queixumes, exclamou, emocionado: “Ao mar, meus filhos, ao mar, vamos ao mar!”

“Já temos tentado várias vezes inutilmente, replicavam eles: enquanto não abonançar, todos os esforços serão baldados.”

“Homem de pouca fé, diz Anchieta; por que tão pouco confiais em Deus? Vinde comigo e não temais”.

Pouco tempo depois, os espinhéis eram erguidos, carregadíssimos de peixes, e houve abundância na casa dos pobres.”

Mais milagres quiséssemos arrolar e era só recorrer ao Processo de Beatificação, pois lá os encontraríamos narrados por pessoas dignas de crédito. Lá estão narrados, ignorados, dezenas de milagres, desde a cura de uma pobre preta surda e muda que ao pedir a bênção de Anchieta recobrou a fala e pas-

sou a ouvir, e até um caso de ressurreição que vale a pena lembrar: num bairro da Bahia, chamado Anchieta, para confessar uma enferma, antes de chegar à casa, vem o marido da doente ao seu encontro para dizer que a confissão já não era necessária, pois sua mulher falecera.

O Padre, vendo a aflição e amargura do marido, dirigiu-lhe estas palavras: — não te contristes, meu filho, pois tua mulher é que irá chorar tua morte. Continuou o Padre seu caminho em direção à casa; entrou, tomou de uma vasilha, pôs um pouco d'água na boca, fez o sinal da cruz sobre a defunta, borrifou-lhe o rosto depois de retirar o lenço que o cobria. A mulher abriu os olhos e exclamou: foste tu que vieste para que eu voltasse. Em seguida, Anchieta a ouvia em confissão e esta mulher, após viver mais quarenta anos, foi quem fez o enterro do marido como o Padre previra.

Não sou eu, nem os cronistas que, expondo os milagres de Anchieta, atestam sua santidade hoje reconhecida *urbi et orbi!* São quantos deles se beneficiaram e depuseram no longo e demorado processo de beatificação.

Mas, se pacientes e padres podem ter sido enganados e relatado milagres inexistentes, por força de sugestões, médicos, certamente, não se deixariam levar a engodos.

Contemos, assim, para terminar este relato, aquele caso de um tuberculoso de Olinda, sujeito a crises hemoptóicas, tratado pelo Dr. Manoel Mendes Monforte, sem nenhum resultado, e que estava a expirar, quando bebendo pelas mãos do Padre Antonio Ribeiro um pouco de água com alguns fios de uma velha camisa de Anchieta, levantou-se repentinamente, para dizer: estou curado, não tenho mais doença alguma!

O caso, quem o relata, é o Dr. João Rodrigues de Souto.

Mais milagres poderíamos relatar e mais os teríamos, pois, ontem como hoje, Anchieta continua a realizá-los, segundo pode atestar o postulador da sua causa de beatificação.

O noviço, que se faz padre e chegou a provincial, provincialato que ele jamais desejou, queixava-se de que agora, com os encargos da Ordem, no Brasil, já não podia, sertão adentro, arrimado a um rústico bastão e parco de alimentos, realizar sua colheita de almas, missão única de sua vida e de sua vinda para o Brasil.

Alquebrado e velho, renunciou ao provincialato para voltar aos seus trabalhos primitivos, afirmando, com a sua eterna humildade, que já nem podia reger sua própria franqueza.

E como o novo provincial deixou a seu cargo escolher sua própria residência, ele voltou a escrever ao Padre Tolosa: pág. 97:

“O poder provincial deixou em minhas mãos escolher a casa que me aprovesse para minha residência na província. Mas, a falar a verdade, esta liberdade que se me concede não me praz por ne-

nhum modo; pois, como pode um homem saber por si mesmo aquilo que mais lhe convém? Bem errado andaria eu se depois de ter-me, por tantos anos, posto nas mãos da santa obediência, quizesse dispor de mim agora, que me acho velho e com os pés na sepultura.”

Voltou, então, aos seus primitivos trabalhos, catequizando do Rio de Janeiro ao Espírito Santo, onde, sertão adentro, os índios ainda assistiram os últimos lampejos de sua ação evangelizadora, no afã de convertê-los.

Depois, superior do Colégio do Espírito Santo, teve pelas suas canseiras e declínio da saúde de retirar-se para sua aldeia, estabelecendo-se na rampa de um morro defronte da embocadura do Rio Iiritiba, depois de Benevente e com tanto ardor recomeçou sua missão superior que, dentro em pouco, uma aldeia se formava em torno de sua choupana, tendo, então, erigido uma capela sob a invocação de Nossa Senhora da Assunção, aldeia onde hoje é a cidade de Anchieta.

Reuniram-se ali seus catecúmenos para a oração, catecismo e outros atos piedosos.

No início de 1597, agravam-se seus padecimentos e Anchieta está chegando ao fim de sua vida terrena, pois a nove de junho, deste mesmo ano, morre como desejava: no meio de seus irmãos gentios, em completa penúria, e desamparado.

De Reritigibá foi seu corpo transportado por terra para Vitória, num caminhar de três dias, nos ombros dos índios, ficando sepultado no Colégio do Espírito Santo, sendo, depois, trasladado para Salvador.

Notável é que, ao chegar em Vitória e aberto o ataúde, em pleno sol, quatro dias depois da morte de Anchieta, seu corpo estava incorrupto!

Passam-se anos, anos passam e só em 1736 o Papa Clemente XII reconhece as virtudes divinas de Anchieta, cuja beatificação não se completou porque a Companhia de Jesus fora então extinta.

Agora que Anchieta ascendeu oficialmente aos altares, ele, sublime apóstolo, já estava reluzindo em nossos corações.

E podemos dizer que em nome da justiça e do direito Anchieta acaba de entrar no templo do futuro, tornando-se um santo e portanto célebre; ele, um homem que se tornou célebre precisamente porque fugia da celebridade, segundo o oportuno dizer de um dos seus biógrafos.

Aí está o perfil do Santo que, aos páramos da Eternidade, derrama fecunda claridade, aquecendo a coragem de nossos passos, no mapa da História!

Santo José Anchieta, brasileiro de Tenerife, rogai por nós que recorremos a vós, para que nossa Pátria cresça, tendo a paz por princípio, a ordem e o progresso por norma!

Era o que tinha a dizer, Sr. Presidente. (Muito bem! Palmas.)

DOCUMENTO A QUE SE REFERE O SR. EDISON LOBÃO
EM SEU DISCURSO:

EPISTOLÁRIO

Coligidos por Celso Vieira

I — Carta do Irmão Joseph de Anchieta para os enfermos de Portugal, na *Vida do Veneravel Padre Joseph de Anchieta*, por Simão de Vasconcellos, Liv. I, Cap. X.

II — Chartas quadrimensaes de Maio a Setembro. — Da Índia Brasilica, anno 1554. Versão de Teixeira de Mello. *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, vol. I, fasc. nº 1.

III — Cópia de outra do mesmo Irmão Joseph que escreveu neste mesmo tempo. (Piratininga — fim de dezembro de 1556) *An. da Bibl. Nac.*, vol. I, fasc. 2.

IV — Letras quadrimestres de Setembro até o fim de dezembro de 1556. Do Brasil 1 de Janeiro até Maio de 1557. 1ª via. *An. da Bibl. Nac.*, vol. I, fasc. nº 2.

V — Cópia de hũa carta que escreveu o Irmão Joseph ao pe. geral de S. Vicente ao ultimo de Mayo 1560. Versão litteral de Teixeira de Mello e Martinho Corrêa de Sá nos *An. da Bibl. Nac.*, vol. I, fasc. nº 2. É a que tem por objecto a historia dos seres e das cousas naturaes de S. Vicente. Foi publicada pela primeira vez no anno de 1799, edição de Lisboa, em avulso e latim, pelo cons^o. Lara e Ordóñez, reproduzida em 1812, por ordem da Academia Real das Sciencias, no 1º volume da *Collecção de Noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas*. Afóra a versão Teixeira de Mello e Corrêa de Sá, existe outra, em avulso, do professor João Vieira de Almeida, com um prefacio do Dr. Miranda Azevedo, ed. do Centenario da Descoberta do Brasil, 1900, S. Paulo. Sobre a fidelidade da traducção anterior escreve o Dr. Miranda Azevedo: "Ha no correr da versão dos *Annaes da Bibliotheca* descuidos e faltas que adulteram e tornam obscura a narrativa tão fiel e tão exacta do Grande Apostolo, de maneira que o leitor não poderá, por mais esforço que faça, comprehender na traducção o que aliás estava clarissimo no original. Outras vezes, o lapso torna inverosimil ou ridicula a licção de Anchieta, que não deve continuar sob essa suspeita para a qual em nada concorreu."

VI — Carta que escreveu o Irmão Joseph ao pe. geral de S. Vicente o primeiro de junho de 1560. Em castelhano. Traduzida e impressa por Balthazar da Silva Lisboa nos *Annaes da Provincia do Rio de Janeiro*, tomo VI, pags. 111 a 139.

VII — Cópia de hũa do Irmão Joseph q̄ escreveu de S. Vte. ao pe. general Me. Diogo Lainez de 12 de Junho de 1561. Em castelhano. Traduzida e publicada por B. da Silva Lisboa no tomo VI dos *Annaes*, pags. 46 a 63.

VIII — Cópia de hũa do Irmão Joseph, pera o Pe. geral, de s. viçente de março de 1562. Rda. a 20 de Setembro do dito anno. Em castelhano. *An. da Bib. Nac.*, vol. I, fasc. nº 2.

IX — Cópia de uma de S. Vicente del hermano Joseph de Anchieta para el Padre Mte. Diogo Laynez Proposito general de 16 de Abril de 1563. Em castelhano. — Traduzida pelo conego Januario da Cunha Barbosa e impr. no tomo II da *Rev. trim. do Instituto Historico*, pags. 541 a 555.

X — Cópia de hũa do Pe. Joseph pra o padre Mestre Diogo Lainez proposito Geral da Companhia de Jesu. S. Vicente, janeiro de 1565. Em castelhano. *An. da Bib. Nac.*, vol. II, fasc. nº 1.

XI — Cópia de hũa do padre Joseph da Baya de todos os Santos que escreveu ao padre Doutor Dioguo Mirão provincial da companhia de Jhũs de 9 de Julho de 1565. Impressa nos *Annaes da Provincia do Rio de Janeiro*, tomo VI, pags. 166 a 181. Sobre o valor dessa publicação escreve o sr. Capistrano de Abreu em uma das suas notas á 3ª edição da *Historia Geral do Brasil*, de Varnhagen, 1º volume, pag. 419: "Extractou-a Simão de Vasconcellos, publicou-a na integra Balthazar da Silva Lisbôa, com tamanha incorrecção que melhor fóra deixasse-a inedita. Uma cópia antiga existente na Bibliotheca Nacional está praticamente inutilisada; uma cópia moderna possuida pelo Instituto Historico, outra publicada no *Diário Official* deixam bastante a desejar, comquanto sejam incomparavelmente superiores ao que sahio nos "*Annaes do Rio de Janeiro*".

XII — Carta del Hermano Joseph que scriuiu del Brasil a los padres y hermanos dela compãnia de Iesus em Portugal. Escripta de Piratininga, em castelhano. *An. da Bib. Nac.*, vol. III, fasc. numero 2.

XIII — Carta del Hermano Joseph. Piratininga, 15 de Março de 1555. *An. da Bib. Nac.*, vol. III, fasc. n. 2.

XIV — Relação de cartas ineditas copiadas do Archivo da Companhia de Jesus. *An. da Bib. Nac.*, vol., XIX, pª. Nto. Padre M. Ignacio preposito general de la Compania Jhesus. Ex commissione Revdi. in Xº Patris Emmanoele Danobrega. Piratininga, julho de 1554.

XV — *Ibd. ibd. ibd.* Litterae trimestres a majo ad. aug: 1556, ex india Brasilica 1ª via. Piratininga. Em latim.

XVI — *Ibd. ibd. ibd.* Al muy Rdo. en Christo Padre. El P. fra.º de Borja preposito general de la Compª. de Jesu, da S. Vte del Brasil, 10 de julho de 1570. Em castelhano.

XVII — *Ibd. ibd. ibd.* De rebus ad Collegia domiciliaque Societatis in hac provincia Brasilica collocata spectantibus brevis narratio anni 1584. Em latim.

XVIII — *Ibd. ibd. ibd.* Resposta do P. Joseph de Anchieta ao Pe. Gonçalo Dôlvira. Brasil 1590. Em portuguez.

XIX — *Ibd. ibd. ibd.* Ao capitão Miguel Dazeredo meu Senhor em Christo na Capitania do Spiritu Santo. Em portuguez.

XX — *Ibd. ibd. ibd.* Al Muy Rdo. in X^o. Pe. N^o El Pe. Claudio Aquaviva preposito general de la Comp^a. de Jesus. Espirito Santo, 7 de Setembro 1594. Em castelhano.

XXI — *Ibd. ibd. ibd.* Ao *frater Emmanuel*. Sem data. Em latim e portuguez.

XXII — Carta ao Irmão Antonio Ribeiro, escripta no Rio de Janeiro, 1587.

XXIII — Carta ao Padre Ignacio Tolosa, escripta em Reritigbá.

XXIV — Carta ao Irmão Francisco Escalante, escripta em Reritigbá.

XXV — Carta ao Irmão Francisco Escalante, de Reritigbá, 7 de julho de 1591. As quatro epistolas sob ns. XXII a XXV foram publicadas na *Vida do V. P. Joseph de Anchieta*, por Simão de Vasconcellos.

RELIQUIAS DE ANCHIETA

As reliquias de Anchieta, em parte, foram transferidas para a igreja do Collegio da Bahia, por determinação de Claudio Aquaviva, geral da Ordem, no anno de 1611, ficando ao pé do altar-mór, veneradas pelos romeiros e devotos. Em 1625, porém, como o breve pontifical de Urbano VIII, *de non cultu*, vedasse aos fiéis o culto dos não beatificados ou canonisados, passaram a outro lugar. Uma dellas, por esse tempo, foi enviada a Roma. (Sumão de Vasconcellos, *Vida do V. Padre Joseph de Anchieta*, liv. V, cap. XV). Expulsos do Brasil os jesuitas, mandou o chanceller Thomaz Roby a d. José I, em 12 de abril de 1760, as reliquias anchietanas do Collegio da Bahia — tibias e peroneos, mais duas tunicas — num cofre de jacarandá, forrado de prata. (Xavier Marques. *Nova comunicação do Instituto da Bahia*, 1914). Das que permaneceram no Espirito Santo, já não existem documentos comprobatorios nem sequer vestigios. Apenas, de um trabalho do sr. Pereira de Vasconcellos (*Ensaio sobre a historia e a estatistica da Provincia do Espirito Santo*) consta o seguinte: "Na sessão do Instituto historico e geographico brasileiro, celebrada em 17 de agosto de 1855, foi apresentada pelos Snrs. Pereira Pinto e Norberto uma proposta para que se solicite do governo a entrega de um fragmento dos despojos mortaes do missionario Anchieta, que se conserva em uma caixa com lavor de prata no thesouro publico da Côte ou da Provincia do Espirito Santo". Commentando essa informação, escreve Teixeira de Mello: "*O Thesouro Publico* de quem falla dubitativamente Vasconcellos seria de certo o da capital da Provincia do Espirito Santo, si não se soubesse que se tracta aqui da igreja dos Jesuitas na capital d'aquella provincia, onde se acha *vasia* a lou-

sa tumular do sancto varão apostolico, de cujos restos mortaes alguns presidentes da Provincia, com mais cortezania para com os vivos do que veneração para com os mortos, têm lançado mão para obsequiar a amigos ou a altas personagens, que visitaram a igreja em que elles jaziam". — Joseph de Anchieta, *Ann. da Bib. Nac.*, v. II, f. I. O sr. Sá e Benevides, em 20 de dezembro de 1876, informava ainda ao sr. Ramiz Galvão que existiam na sacristia da igreja dos Jesuitas, ao lado do palacio do Governo da Victoria, duas caixas de prata, contendo a primeira uma canella de Nobrega e a segunda um fragmento da canella de Anchieta. Em summa, as reliquias do santo espalharam-se pelas capitancias do Brasil, onde se alardeava o seu poder curativo, de norte a sul, havendo sempre uma na sacristia de cada templo dos jesuitas, que benziam com ella os vasos de agua para os enfermos.

OBRAS DO PADRE JOSEPH DE ANCHIETA

Extracto da "Bibliothèque de la Compagnie de Jesus", por
Carlos Sommervogel S. J., toms. I e VIII

1 — *Arte de grammatica da lingua mais usada na costa do Brazil*. Feyta pelo Padre Joseph DE ANCHIETA, da Cõpanhia de Jesu. En Coimbra, por Antonio de Mariz, 1595, 8º ff. 58.

— de Anchieta publicada por Julio Platzmann. Edição facsimiliaria stereotipa. Leipzig, Trubner, 1874, 16º ff. 58.

— Jos. DE ANCHIETA, *Arte de grammatica da lingua mais usada na costa do Brazil*, novamente dado á luz por Julio Platzmann. Leipzig. Trubner, 1874. 8º pp. XII-82.

— *Grammatica der Brasilianischen Sprache*, mit Zugrunde legung DES ANCHIETA, herausgegeben von Julius Platzmann. Leipzig. B. G. Trubner, 1874, 8º, pp. XIII, 178.

— MARCGRAVIUS (G.) *De lingua Brasiliensium e grammatica*, P. Josephi de Anchieta; — p. 274 de *Historiae rerum Brasiliae*.

— RELAND. (Hadr.) *De lingua Brasilica ex Grammat. Anchieta*; — em *Dissertationes Miscellaneae*, t. III, p. 175.

No collegio dos Jesuitas de Palermo havia um exemplar msc. desta grammatica: *novamente accrescentada, e reduzida á ordem da arte de grammatica latina*. Pelo Padre Luiz FIGUEIRA, da mesma Companhia. Anno 1620. In-4º de 108 pags.

2 — *De Beata Virgine Dei Matre Maria*.

É um poema de 2086 disticos, insertos de pag. 481 à 528 na *Chronica do Brazil*, do P. Simão de Vasconcellos, S. J., e na *Vida do ven. P. Joseph de Anchieta*, pelo mesmo autor, p. 443-593.

Vita Beatissimae Virginis Mariae, a Josepho ANCHIETA, Lusitano societatis Jesu, ex-voto composita. Msc. do seculo XVII, 12º com uma approvação do P. J. Renaudin (*Catal. Boulard*, 4ª parte, p. 131, nº 26).

Poema Marianum Auctore Vezzerabili P. Josepho de Anchieta Lacunensi, Sacerdote Professo Societatis Jesu, Apostolo Brasiliensi nuncupato. Anno MDCCCLXXXVII. Typis Vicentii a Bonnet. In Urbe Sancta Crucis (Tenerifa), 8º pp. 176 slt. 1 photogr.

Breve officio de la Immaculada Concepcion de la SS. Virgen, escrito en versos sáficos latinos por el V. P. José DE ANCHIETA, S. J., traducido al Euskarra en el mismo metro por el P. Jos. de Arana; — na *Euskal-erria*, revista bascongada, t. VIII (San Sebastian, 1883), p. 415-418.

3 — *Informações e fragmentos historicos do Padre Joseph de Anchieta* (1584-1586), publicados por Capristano DE ABREU. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1886, 8º pp. XVI-84.

Em tom. I de: *Materiaes e achegas para a historia e geographia do Brazil*, publicados por ordem do Ministerio da Fazenda. Na mesma collecção acham-se:

4 — *Cartas do P. Joseph de Anchieta* (1554-1567), publicadas por Teixeira DE MELLO.

a) Duas cartas em: *Copia de unas cartas de algunos padres y hermanos de la Compañia de Jesus, que escribieron de la India Japon y Brasil a los padres y hermanos de la misma Compañia en Portugal, trasladadas do portugues en castellano. Fueron recibidas el año de mil y queincentos y cincuenta y cinco*. Lisboa, por Juan ALVARES, 1555, ff. 33 uch.

As cartas do Padre Anchieta foram reproduzidas no t. III, p. 316-323 dos *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio-de-Janeiro*.

b) *Copia d'alcuni capitoli della lettera del Brasille del mesedi Maggio 1560*, scritta da Joseph che tratta degli animali, et piante, et d'altre cose notabili dell'Indie; — p. 150-171 de *Nuovi avisi particolari dell'Indie*..... 3ª parte. Venetia, 1562, 8º.

c) *Copia di una del fratello Josepho*, scritte del Brasil per il padre general della Compagnia di Giesu alli. 10, di Luglio del 1561; — *ibid.* 4ª parte, Venetia, 1565, p. 182.

d) Na *Josephi Anchietae*..... *Vita... a Seb. Beretario* (Lugduni 1617) ha cinco cartas. Citamos as pags., onde se acham algumas cartas segundo a edição de Colonia (1617).

Ad Antonium Ribeirum Societatis Fr. (pp. 391-395). — *Ad Franciscum Escalantium* (pp. 396-398). — *Ad eundem* (p. 399) *Ad eundem* (pp. 400-403); e um extracto da sua carta *Ad Ignatium Tolosam* (pp. 407-409).

e) *Carta para os enfermos de Portugal; Carta a hum Sacerdote*; inseridas a pag. 52-54, e 302-308 da *Chronica do Brazil* do P. Simão de Vasconcellos S. J.

f) *Epistola quam plurimarum rerum naturalium, quae S.-Vincentii (nunc S.-Pauli) provinciam incolunt, sistens descriptionem, a Didaco de Toledo Lara Ordonhez adjectis annotationibus edita*. Olisipone. Typ. Acad. 1799, 4º, pp. 6-46. — Foi inserida a p. 127-178, t. I da *Collecção de noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas* (Lisboa, 1812, 4º). *Ibid.* 1856, 4º, vol. VII.

Foi trasladada para portuguez (pela primeira vez) e publicada nos "Annaes da Bibliotheca Nacional" (*do Rio de Janeiro*), I, pp. 275-305.

g) *Copia de uma carta, de S.-Vicente*, do Irmão Jozé de Anchieta, para o Padre mestre Diogo Laynes, preposito Geral, 16 de abril de 1563; — no t. II, pp. 538-552 da *Revista trimestral do Instituto Historico e Geographico Brasileiro* (Rio de Janeiro, 1840), 8º, *ibid.* 2ª edição, pp. 541-555.

h) *Copia de uma carta do Padre Joseph*, da Bahia de Todos os Santos, que escreveu ao doutor Jacomo Martins, provincial da Companhia de Jesus, de Julho de 1563; — *Ibid.* t. III, pp. 248-258. — 2ª edição, p. 254-262.

i) *Informação dos casamentos dos indios do Brazil; Informação do Brazil e de suas capitancias*, 1.584. *Ibid.* t. VI, p. 404 e *Cal. dos Mss. de Evora*, I, p. 16.

j) *Carta do P. Manoel da Nobrega a el-rei*, escripta de S. Vicente a 1 de Junho de 1560; excerptos de uma carta de Anchieta ao seu geral da mesma data e logar... — p. 115, t. I, 2ª serie do *Brazil Historico* de Mello Moraes (1.866).

k) *Uma Carta da Bahia*, de 7 de Junho de 1578, que se encontra em *Une Sucrierie Aniversoise au Brésil*, par le P. Kieckens, S. J. (Anvers, 1883, 8º).

As poesias (*Cantos*) de Anchieta foram impugnadas pelo Dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira nos 5 artigos successivos que a esse respeito publicou o "Diario Official" de 11 a 15 de Dezembro de 1882, sob o título "Cantos do Padre Anchieta".

Nos mesmos artigos (Diario Official de 14 de Dezembro de 1882) Baptista Caetano classifica de impostura — a traducção do P. Juan da Cunha.

Mello Moraes filho, no seu "Parnaso Brasileiro (*B. L. Garnier, editor*, 1885)" publicou de Anchieta as poesias seguintes (em portuguez):

Ao Santissimo Sacramento (Inedito);

Santa Ursula (Dialogo entre um Anjo e Satanaz); e

O pelote domingueiro (Ineditos).

5. — *Poesias do veneravel padre Jozé d' Anchieta*, escriptas em tupi, castelhano, latim e portuguez. ff. 54, *Cat. dos Mss. do Instituto Hist. e Geog. Brasileiro*. Rio de Janeiro, 1884, p. 146, nº 40.

— *Poesias del venerable P. José de Anchieta*, escritas em lengua Tupy. (Seguidas de una traduccion portuguesa, del P. Juan da Cunha). Copiadas de

un msc. autentico existente en los Archivos de la Compañia de Jesus en Roma por el Dr. D. José Franklin Massena y Silva. Roma 1863. 8º, pp. 18.

É um drama em dois actos, intitulado: *Jesus na festa de S. Lourenço*.

O mesmo Mello Moraes filho, no seu "Curso de Litteratura (2ª edição. Rio, 1882), publicou:

"Da resurreição" e outras poesias de A.

— *Poesia en lengua Tupi*, por el P. Joseph de Anchieta. Copiada de un manuscrito autentico de la Compañia de Jesus en Roma par J. Franklin Massena. Roma, 6 de Diciembre de 1863. Traducida al portugés por el P. D. João da Cunha. 8º, pp. 8.

Contém: "*Dança que se fez na procissão de S. Lourenço*, Poesia." Vid. Conde de la Vinaza: *Bibliografía española de lenguas indigenas de America*. (Madrid, 1892, pp. 211-212): Na mesma obra, p. 243, cita-se a seguinte peça: Poesias del venerable P. Joseph de Anchieta escritas en lengua Tupy. Tres codices originales existentes en la Bibliotheca de la Compañia de Jesus, de Roma.

As copiadas por Franklin Massena estão reunidas sob o seguinte titulo:

Canções de José de Anchieta. — A Nossa Senhora dos Prazeres. — Santa Ignez. — Vaidades das cousas do mundo. — Da morte. — Carta (*em verso*) da Companhia de Jesus para o Seraphico S. Francisco. Conforme cópias de um manuscrito de Pedro Andreoni. Provincial que foi da Companhia de Jesus, extrahidos em Roma, no anno de 1863, por Franklin Massena, socio correspondente do Instituto historico Brasileiro, e pertencentes á Bibliotheca do Imperador.

6. — *Sermão sobre a Conversão de S. Paulo*. No t. LIV (1892) da *Revista Trimensal da Instituto Historico Geographico*.

Sotivel dá a seguinte lista das obras do P. Anchieta:

1. — *Ars Grammatica linguae Brasilicae*. — In. *Lusitania typis excusa*. — 2. *Dictionarium ejusdem linguae brasilicae*. — 3. — *Doctrina christiana pleniorque catechismus eadem lingua explicatus*. — 4. *Dialogi de Religionis mysteriis scitu dignis*. — 5. *Institutio ad interrogandos inter Confessionem poenitentes*. — 6. *Syntagma monitorum ad juvandos moribundos*. — 7. *Cautiones sacrae linguis Latina, Lusitanica, Hispanica et Brasilica*. — 8. — *Drama ad extirpanda Brasilicae vitia*. 9. *Poema de B. Virginis Vita. Versu elegiaco quod ad bis mille et octoginta distica excurrit*. — 10. *Brasilica Societatis Historia et Vita Clarorum Patrum qui in Brasilia vixerunt*.

Foi sem duvida do nº 10, inedito, que o P. Franco extrahiu as Vidas dos P. Manoel de Payva, Salvador Rodrigues, Fr. Pires e Gregorio Serrão que se acham no t. II, pp. 212—214 e 215-219 da *Imagem da Virtude em o Noviciado de Coimbra*. A p. 205 cita o P. Franco, do Padre Anchieta: "Apontamentos ácerca das primeiras cousas e primeiros Padres da provincia do Brazil."

Senador Orestes Quércia

O SR. PRESIDENTE (Luiz Viana) — Concedo a palavra ao nobre Senador Orestes Quêrcia.

O SR. ORESTES QUÊRCIA (PMDB — SP. Pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente, Srs. Congressistas, Autoridades religiosas, minhas Senhoras, meus Senhores:

Estamos aqui reunidos, Assemblêia de Representantes do Povo, para homenagear o primeiro beato da nossa História e, a se cumprir o desejo de todos, o primeiro Santo brasileiro da História da Igreja.

Para felicidade do nosso povo, compartilhada pelos espanhóis e portugueses, desde o último domingo, o Papa João Paulo II, em cerimônia solene realizada na histórica Basílica de São Pedro, no Vaticano, encerrou a etapa mais importante de um processo que se arrasta há mais de quatro séculos, determinando a beatificação do Padre José de Anchieta, muito justamente denominado o Apóstolo do Brasil.

O ritual solene assistido por uma missão brasileira chefiada por um Ministro de Estado ecoou por todo o País, principalmente no pequeno município capixaba de Anchieta, onde mais de 20.000 peregrinos, provenientes das diversas Regiões do País participaram da missa campal, especialmente organizada na cidade que leva o nome do beato e onde ele morreu aos 63 anos de idade, após 44 anos de serviços prestados ao desenvolvimento da nossa História.

Muito natural e justo que o Congresso Nacional se rejubile por isso, pelo evento extraordinário e realize esta cerimônia idealizada pelo ilustre Deputado Edison Lobão, neste ato tão identificado com o anseio nacional.

Se estou falando em nome da Bancada do PMDB no Senado, acredito que tenha sido solicitado a fazê-lo e sobretudo por representar no Congresso o Estado de São Paulo.

O padre José de Anchieta atuou em todo o nosso território. Com o seu espírito de luta, de catequista, de educador, durante decênios percorreu o litoral desde o Rio de Janeiro, Espírito Santo, Bahia e Pernambuco, mas a grande identidade histórica de Anchieta acredito, me perdõem, ocorreu em São Paulo, cujas primeiras sementes lançou ao destino da jovem Nação. Em 1554, a 25 de janeiro, data da conversão do apóstolo que emprestou o nome, fundou ele, no Planalto de Piratininga, o Colégio que abriu as perspectivas da edificação de São Paulo. Foi, também, no meu Estado nas praias de Iperoig, hoje Ubatuba, quando prisioneiro dos tamoios que, segundo a lenda, Anchieta escreveu na areia o célebre poema em louvor da Virgem Nossa Senhora.

Duas características essenciais do Jesuíta Santo o ligam, portanto, a São Paulo: o missionário e educador que tão bem cumpriu um dos objetivos fundamentais da Companhia de Jesus, de ampliar o número de almas a serviço da

Igreja fundando a nossa capital, e o fundador da literatura brasileira, iniciador da poesia lírica com intenções religiosas.

Todos nós, brasileiros, nos alegramos com o evento da beatificação.

Senhores Congressistas:

A Companhia de Jesus, idealizada por Inácio de Loiola, parente longe de Anchieta, segundo algumas versões, na movimentação da contra-reforma, tem se notabilizado — repito, a Companhia de Jesus — em toda a sua atribulada existência, por formar pessoas de extraordinário autodomínio, disciplinadas e capazes de atingir os fins mais difíceis. Anchieta, mais do que ninguém corresponde a esse modelo de força, no caso, aliado a uma doçura de santo.

Um homem franzino, doente, precocemente envelhecido, se transforma num gigante de ação e boa vontade, trabalhando sem cessar, atravessando noites inteiras escrevendo poesias e peças destinadas a facilitar a sua missão: educando, construindo, sendo bondoso, doando-se inteiramente. Esse homem, esse padre, cujo pai recebera perseguições por ser simpático às reivindicações de trabalhadores braçais e de lavradores, logo depois de sua morte foi reconhecido santo pelos próprios companheiros da Companhia de Jesus, os quais iniciaram o processo de sua canonização.

Depois de quatro séculos o Vaticano reconhece, às vésperas da primeira visita do Sumo Pontífice à nossa Pátria, a santidade de Anchieta. Faz justiça a um santo e homenageia o Brasil.

A Nação brasileira, cujo anseio por justiça e liberdade é extraordinariamente grande, fica feliz. E o Congresso Nacional se engrandece com justa razão. (Muito bem! Palmas.)

Senador Luiz Viana

O SR. PRESIDENTE (Luiz Viana) — As justas, eloquentes e eruditas palavras que acabam de ser proferidas, nesta sessão do Congresso Nacional, são o testemunho de que as pegadas de Anchieta, através das praias do Brasil, embora decorridos quatro séculos, ainda continuam bem vivas e presentes. São as pegadas não apenas do Santo, mas do autor da nossa primeira gramática, do pacificador de índios, do médico, do criador de cidades, do fundador de colégios, enfim, do educador. São essas pegadas que aí permanecem e permanecerão eternamente, traduzindo o reconhecimento do Brasil, o reconhecimento da nacionalidade por tudo quanto fez aquele frágil e extraordinário homem, representante da benemérita Companhia de Jesus, na sua obra de missionário.

Vale dizer que Anchieta, antes de subir aos altares, como acaba de ser proclamado pelo Vaticano, ele já estava em outros altares, que eram os altares da Pátria brasileira. -

Desejo agradecer, aqui, a presença do Sr. Dom Geraldo d'Ávila, Bispo Coadjutor de Brasília e representante do Sr. Arcebispo Dom José Newton e demais personalidades da Igreja que aqui vieram para conosco celebrar este grande acontecimento, para todos nós, que é a beatificação do grande José de Anchieta. (Palmas.)